

quista, que lhes objectarão, a esses patriotas, os seus irmãos em nacionalismo? Que invocaram o auxílio da Alemanha, como outros pediram o da Rússia e dos demais paladinos, igualmente diplomados, das pequenas nacionalidades?

Não objectam nada, não precisam. Ao quarto poder do Estado — a imprensa monopolizada pelos que mandam e podem, com o contrapeso da Censura — basta pintar as coisas ao seu sabor e calar ou fazer calar o que lhe não faz conta.

O próprio silêncio obrigatório pode servir-lhe depois como prova vitoriosa dum consentimento entusiasta. Ainda há pouco um correspondente de Roma mandava dizer a um diário que o proletariado italiano manifestara no 1.º de

Maior a sua adesão à «União Sagrada» com moções patrióticas e «até com o silêncio». O proletariado italiano, precisamente... Aquele cuja parte avançada é mais unanimemente contra a guerra, salvo raras defeições... que já o eram quase todas antes do conflito.

Esse silêncio ruidosamente patriota impressionou também, primeiro em França, depois em Portugal, os ouvidos, acostumados a ouvir estrélas, do poeta brasileiro Olavo Bilac, segundo o qual tudo aqui arde em labaredas guerreiras. O que é ser poeta e saber distinguir as sinfonias sidéreas!

Ainda assim, muito haverá que contar no fim da guerra — pelos que forem vivos aos que vivos forem!

ZENO VAZ.

Nas horas vagas...

A guerra europeia, apesar das opiniões burguesas e semi-burguesas, patrióticas e governamentais, em contrário, representa um chorudo negócio para os homens do dinheiro. De aqui não há que fugir. As estatísticas oficiais falam como gente; e, com certeza, os argumentos de peso saídos do intellecto parcialíssimo de certos cavalheiros que, neste momento, esqueceram o seu revolucionarismo de outrora, não lhes poderão ofuscar a menor parcela de verdade.

Assim, nos campos de batalha da Europa, jorra o sangue a torrentes; na bolsa dos capitalistas entra a bagalhoça aos punhados. Por cada vida preciosa que se extingue, recolhem os parasitas somas enormes. O sacrificio dos trabalhadores, abandonando a sua familia a uma miséria atroz para se lançarem, como tigres, nessa carnificina maldita, é, recolhido, materialmente, sem dores nem canseiras, pelos seus seculares exploradores. Ora, nestas condições, porque razão é que estes matoides não haviam de

incensar a guerra, adicionando-lhe pomposos adjectivos e atribuindo-lhe virtudes que ela não tem?

Para os que vivem do trabalho alheio, os lucros não-de ser sempre os lucros. É visto que a guerra actual os dá, e bons, toca a engendrar friamente uma filosofia guerreira e quem perder que se agüente, pois os capitalistas não estão dispostos a fazer favores à escumalha, aos miseráveis, aos que produzem toda a riqueza social...

No meu último artigo apresentei uma estatística, pela qual ficaram os leitores de «A Aurora» a saber como, à sombra da guerra, os accionistas dos Estados Unidos da América estão a atapulhar os seus cofres. Hoje vou pôr-lhes diante dos olhos mais duas estatísticas, por onde podem ver que nos países em guerra, a despeito dos tão decantados sacrificios comuns para expulsar o negregado invasor, quem obtem vantagens materiais são sempre os detentores do vil metal sonante. Comparemos, pois, os lucros líquidos, em 1914 e 1915, de algumas companhias inglesas de navegação

e fabricas de material de guerra para ficarmos identificados:

«Smithfield and Argentine Meat Co.», em 1914, 638.210 fr.; em 1915, 3.451.375 fr. «Waring and Gillow», 1914, 880.425 fr.; 1915, 2.522.125 fr. «Projectile Company», 1914, 768.475 fr.; 1915, 4.853.400 fr. «Lanarkshire Steel», 1914, fr. 703.600; 1915, 1.149.625 fr. «Fred Leyland Steamship», 1914, 8.429.750 fr.; 1915, fr. 29.917.075 fr. «Sutherland Steamship», 1914, 2.350.000 fr.; 1915, 7.380.000 fr.

E na Alemanha, a fabrica Krupp que em 1913-1914 teve de lucros líquidos, 80.877.380 francos, viu esses lucros elevarem-se, em 1914-1915, a 157.763.688 francos, (38 mil, 652 contos, em moeda portuguesa!)

Que tal está o negóciozinho? Bem dizia o outro: as guerras são ruinosas, mas é só para os proletários...

A propósito dumas cantigas de fado contra a guerra, o *Imundo* do dia 1 do corrente, reclamava dos governos da república, medidas severíssimas contra os transgressores dos chamados *prencípios da onion-cagrada*. Segundo o critério dos matulas que rabiscam a referida gazeta, não pode haver agora duas opiniões em Portugal. Acham elles que assim como os patriotas se transformaram num rebanho de carneiros, prontinhos a executar as ordens dos empregários da guerra, os que sempre afirmaram as suas ideias antipatrióticas devem olvidar tudo isso e seguirem a mesma rotina. Realmente estes esguichos mostram bem a capacidade intellectual do livre-pensamento de tais... bipedes...

Safa!...

PEDRO GUIMARÃES.

PROPAGANDA LIBERTÁRIA.— Reune hoje, às 20 horas, no local do costume; e espera-se que ninguém falte.

No Ecran

Da Cochinchina

IV

dos ciriosinhos que acenderam em louvor do padroeiro, aproveitando uma pinguiha de azeite que cresceu da lamparina do santuário. Riem-se do temor, respiram desafogadamente e descem aliviadas e orgulhosas ao balcão a receberem os fregueses com ar de triunfo. O perigo passou, as empanadas tiram-se, os toldes voltam a ocupar as primitivas posições de tejadilho inclinado.

Até o sol, com curiosidade, espreita ao canto de uma nuvem, como à esquina de uma rua, e cuja nuvem descreve uma silhueta branco-escuro de um castelo a derruir.

Mas a indignação popular cresce. A ideia de vingança é que não se apaga dos espiritos mortificados. O sangue das victimas do largo do Primeiro Encoltro torna-o mais visível. Depois, as palavras da Revolta proferidas com convicção ficam indetêvelmente gravadas em todos os corações oprimidos, que as divulgam, as discutem, as aprovam nas conversas familiares, íntimas, públicas.

— Ah! aquela mulher de olhos reluzentes, como pirilampus, e

de voz de homem é que tem razão!

— Nós temos de fazer o que ela disse!... Esta súcia de patifes tem de nos provar as mãos.

— O que precisam é que lhes deitemos fogo às tendas...

— Corja de malvados!

— Quadrilha de gatunos!

Eram frases terríveis, acompanhadas de gestos violentos, as que saíam daquelas bocas espumantes, como perdigotos expellidos das gengivas dum escorbuto.

As mais exaltadas os mercieiros, como vingança, não lhes vendem os géneros, desculpando-se que, os não tem, levantando a outras o crédito sob o pretexto de que o trabalho não abunda e que portanto

Anarquismo... estatal

Acaba de aparecer um manifesto firmado por Krapótkine, Grave, Malato e uma dúzia de outros velhos camaradas, os quais fazendo eco aos defensores dos governos do Entendimento, que querem prolongar a guerra até ao extermínio da Alemanha, repudiam qualquer ideia duma «paz prematura».

A imprensa capitalista recorreu alguns trechos do manifesto e publica-os com natural satisfação, apresentando o documento como o pensar dos «chefes do movimento anarquista internacional».

Os anarquistas, cuja quase totalidade se manteve fiel às convicções próprias, tem para consigo mesmos o dever de protestar contra este acto que tenta implicar o anarquismo na continuação duma carnificina feroz, que de nenhum modo promete secundar a causa da justiça e da liberdade e deixa pelo contrário claramente prever que será de todo estéril e infrutifera mesmo do ponto de vista dos dominadores de ambos os lados.

A boa-fé e as boas intenções dos que assinaram o manifesto estão fora de discussão. Mas por mais penoso que possa ser o discordar de velhos amigos, que tantos serviços prestaram à que no passado foi nossa causa comum, ninguém que tenha a peito a sinceridade e o interesse do nosso movimento emancipador pode deixar de se separar dos camaradas, que se sentem capazes de conciliar ideias e cooperação de anarquistas com os governos e as classes capitalistas de certos países, na sua luta contra os capitalistas e governos de outros países.

Durante esta guerra temos visto republicanos põem-se ao serviço dos reis, socialistas fazerem causa comum com a classe dominante, trabalhistas

não podem pagar. Rendição pela fome!

Assim se passam dois dias, sem outra alteração além do sobressalto dos espiritos, das polémicas nas ruas, da rememoração dos acontecimentos recentes...

Ao terceiro dia, à hora que o sol se esconde nas penumbras do horizonte, corre de boca em boca, com a rapidez de um raio, a noticia de que nos arredores o povo se sublevara, armado. A Revolta faz das suas. A noticia espalha-se não se sabe como, pois os jornais estão impossibilitados de transmitir tais boatos.

Nos bairros operários há um certo desuso, um não sei que de extraordinário, de misterio-

servirem a causa dos capitalistas; mas na realidade toda essa gente — conservadora em graus diversos — cre na missão do Estado, e é compreensível a sua hesitação, quando o único remédio se não vê na destruição de todos os grilhões governamentais e no irromper da revolução social. Mas tal hesitação é incompreensível no caso dos anarquistas.

Nós entendemos que o Estado é impotente para o bem; que no campo das relações internacionais, assim como no das relações entre indivíduos, só pode combater as agressões fazendo-se por sua vez agressor; só pode impedir o delito organizando e cometendo delitos ainda piores.

Supondo embora — o que está bem longe da verdade — que a Alemanha tem a responsabilidade exclusiva da guerra actual, está provado que, quando se pretenda recorrer aos métodos estatais, só se poderá fazer frente à Alemanha suprimindo-se todas as liberdades e reavivando o poder de todas as forças da reacção.

Fora da revolução popular, não há para resistir à ameaça dum exército disciplinado outra força que não seja um exército ainda mais forte e mais disciplinado; por isso os mais decididos antimilitaristas, quando não são anarquistas, são fatalmente levados a fazer-se militaristas ardentes.

De facto, na problemática esperança de esmagar o militarismo prussiano, renunciaram a todo o espírito e a todas as tradições de liberdade, prussianizaram a Inglaterra e a França; submeteram-se ao tsarismo, restauraram o prestígio do vacilante trono de Itália.

Podem os anarquistas aceitar por um só momento que seja este estado de coisas, sem renunciar a chamar-se anarquistas? Para mim, a própria dominação estrangeira sofrida à força e fomentadora de revolta é preferível à opressão nacional dócilmente aceita, quase com um sentimento de

gratidão; na convicção de que somos assim preservados de maiores danos.

Nem nos venham dizer que se trata dum momento excepcional e que, depois de ter contribuído para a vitória dos Aliados nesta guerra, voltará cada um ao seu campo para as batalhas para o seu ideal.

Se hoje é necessário trabalharmos de harmonia com o governo e com os capitalistas para nos defendermos do «perigo germânico», sê-lo há igualmente depois, como durante a guerra o tem sido.

Por maior que venha a ser a derrota do exército alemão — dado que seja derrotado — nunca será possível impedir que os patriotas alemães pensem na desforra e para ela se preparem; e os patrioteiros dos outros países — e do seu ponto de vista com razão — não de querer estar prontos, para que não tornem a ser apanhados de surpresa. Isso quer dizer que o militarismo prussiano se tornará instituição regular e permanente em todas as nações.

Que se dirá então dos pretensos anarquistas que hoje desejam o triunfo duma das alianças beligerantes, se continuarem a chamar-se antimilitaristas e a pregar o desarmamento, a deserção e a sabotagem contra a «defesa nacional» para, à primeira ameaça de guerra, se fazerem agentes de recrutamento para os governos que elles tentaram desarmar e paralisar?

Dir-nos não que isso acabará quando o povo alemão se tiver libertado dos seus tiranos e deixar de ser um perigo para a Europa, destruindo o militarismo no seu país. Mas, se assim é, os alemães que pensam, e com fundamento, que as dominações inglesa e francesa (para não falar no tsarismo russo) não seriam para os alemães mais agradáveis que para os ingleses e franceses, a dominação germânica, não-de querer primeiro esperar que os russos e os outros destruam o

seu militarismo e não-de continuar entretanto a robustecer o exército da sua própria nação.

E então, para quando será adiada a revolução? Para quando a anarquia? Havemos de esperar sempre pelos outros para começar?

A linha de conduta dos anarquistas é-lhes claramente indicada pela lógica inflexível das suas aspirações.

A guerra podia impedir-se com a revolução, ou pelo menos inculcando aos governos o medo da revolução. Viu-se que para isso faltavam a força e a capacidade necessárias. Pois bem, só há um remédio: fazer melhor para o futuro.

Devemos mais do que nunca evitar os compromissos; aprofundar o sulco que separa os capitalistas dos salarizados, os dominantes dos dominados; propagar a expropriação da propriedade privada e a destruição do Estado como o único meio de garantir a fraterni-

dade entre os povos e a justiça e a liberdade para todos; e para atingir estes resultados necessário é que nos preparemos.

Entretanto, anigura-se-me como que um crime o fazer seja o que for que tenda a prolongar a guerra que trucidou os homens, destrói as riquezas e impede se recomece a batalha pela emancipação.

Parece-me que pregar «a guerra até ao fim» significa propriamente fazer o jogo dos governantes alemães, que traem os seus súbditos e lhes inflamam o ardor bélico, convencendo-os de que os seus inimigos querem esmagar e sujeitar o povo teutónico.

Hoje, como sempre, seja este o nosso grito de guerra: «Abaixo capitalistas e governos, todos os capitalistas, todos os governos! Vivam os povos, todos os povos!»

ERRICO MALATESTA.

RABISCOS

Uma medida genial

Segundo as gazetas diárias informaram há dias, a policia de Lisboa determinou que os vendedores de jornais andassem «decentemente vestidos» no exercício da sua profissão.

Para muitos, a medida acima referida parecerá um tanto extravagante. Contudo, se a apreciarmos com imparcialidade, seremos obrigados a concordar com ela, em virtude do seu espirito criterioso... E se hesitam em ser desta opinião, analisemos os factos. Supunhamos, pois, que actualmente ainda se não dá, parece-me, esse acto, — que amanhã se alastra por esse país fora a negra fome com todas as suas consequências dolorosas.

Em vez do governo, parlamento, camaras municipais, juntas de paróquia ou comissão de filantropos melarem a toitiço a descobrir a forma de remedia-

rem esse mal, o Estado imediatamente decretaria que todos os estômagos se alimentassem fartamente, e a questão ficaria radicalmente solucionada.

Mas perguntarão:

—E como se conseguiria essa coisa? — Da maneira mais simples. A policia lisboeta, ao ordenar que os vendedores de jornais vestissem decentemente, isto é, que envergassem roupas em condições, não lhes perguntou se poderiam frajar desse modo. Fez as suas imposições e mais nada.

Da mesma forma o governo procederia. Era fome que existia? Decretava-se que todos enchessem o bandulho.

Escasseavam as roupas? Tornava-se lei que todos se vestissem pelo último figurino.

O modo de conseguir tudo isso pertencia, naturalmente, ao povo. Os armazens encontram-se atulhados de tudo que é indispensável à vida; era apenas questão de estudar o

so, de abafado... E então ouve-se baixinho; pois as ordens de repressão são severas para os que discutem quaisquer acontecimentos:

— Já sabes? As povoações de Paranos, de Tomasinhos, S. Amdeme e outras, armadas de utensílios de lavoura e várias armas, atacam os celeiros, as tulhas, lançam fogo aos arquivos, aos registos da administração... o diabo...

— É verdade que eu vi uma força de cavalaria, de carabina em punho, a correr a toda a brida para um desses lados...

— Que por sinal caiu um soldado, indo a escorrer em sangue para o hospital...

— Isto cá para nós é preciso que o Povo dê uma ensinadela

a essas almas danadas que nos querem matar de fome.

— E nós quando entramos na dança? Que excelente ocasião...

— Ah! sei lá!

Um policia aproxima-se e o pequeno grupo segue o seu caminho.

Quem, com atenção, já tarde da noite, olhasse para as janelas e portas, veria uma tenue claridade cair das frinças, como um fio de azeite loiro, na escuridão dos becos... Parecia que ninguém tinha pressa de se deitar. Porém, da uma às cinco da madrugada silêncio de sepulcro. Apenas só um ou outro policia de giro se encontra encostado a uma porta ou erecto no meio da rua como a própria estatua da Parvoice.

A manhã acorda triste e pegajosa, ventigena e espreguiçante. Sol occulto, como recusando-se a assistir à insurreição a preparar-se na forja do insustentável. Escancaram-se as ventanas, desenvolve-se a linguarice, os «bons dias» esturgem, as chaminés vomitam os seus penachos de fumo; enfim, tudo se movimenta.

As mulheres, despenteadas e algumas em saio manchado, descalças, espreguiçando-se e abrindo a boca à largura de um boeiro para logo se fechar, veem fazer as primeiras compras para o almoço. Reunem-se em pequenos grupos e comentam a seu modo as dificuldades da vida.

— Um pobre hoje não pode

viver. Ou tem de roubar ou deixar-se morrer de fome...

Todas dizem o mesmo, e mais se amofinam aquelas que teem bastantes filhos que se criam no meio da esterquice das ilhas.

Nisto rebenta um banzé dentro de uma mercearia; cá fóra ouvem-se distintamente os berros, os guinchos quase iguais aos dos macacos, os insultos anavaihanes.

— Ladrão! comedor! miserável! sovina! Então de ontem para hoje você comprou açúcar para aumentar mais 40 reis em quilo, quando lá dentro tem dois ou três sacos, que os vi

(Continua)

MÁRIO ESTEVES DANTÓN.